

Publicado em:

Periódico Héstia

Curitiba, V.4, N.1, 2020

www.periodicohestia.org

Vladimir Solovióv e a Ideia de Humanidade

Vladimir Solovióv e a Ideia de Humanidade

Robert Martins Junqueira¹

Resumo: O presente artigo centra-se numa comunicação proferida por Vladimir Solovióv (1853-1900) em 1898, na Sociedade Filosófica da Universidade de São Petersburgo, a fim de homenagear Augusto Comte (1798-1857) no centenário do seu nascimento. O título escolhido por Solovióv foi “*Ideja Čelovečestva u Avgusta Konta*” (*Идея Человечества у Августа Конта*), i.e., “A Ideia de Humanidade de Augusto Comte”. Na referida comunicação, para além de ser apresentada a ideia de humanidade que Comte tinha, no entender do filósofo russo, em mente, assiste-se a uma tentativa de ultrapassar as insuficiências inerentes à mesma. O autor deste artigo pretende expor e interpretar filosoficamente o discurso do pensador moscovita. Por fim, o autor espera transmitir uma modesta mas atual e significativa dimensão do pensamento de Solovióv aos leitores de literatura filosófica em língua portuguesa.

Palavras-chave: Augusto Comte; Cidadania; Direitos; Humanidade; Religião; Sociedade; Vladimir Solovióv.

Abstract: The present article centers on a talk given by Vladimir Solovyov (1853-1900) in 1898 in the Philosophical Society of St. Petersburg University to honor Auguste Comte (1798-1857) on the 100th anniversary of his birth. Solovyov chose the following title: “*Ideja Čelovečestva u Avgusta Konta*” (*Идея Человечества у Августа Конта*), i.e., “Auguste Comte’s Idea of Humanity.” In that communication, in addition to presenting the idea of humanity that, in Solovyov’s view, Comte had in mind, an attempt is made to overcome its inherent shortcomings. The author of this article aims at exposing and interpreting the speech of the Muscovite thinker philosophically. Finally, the author hopes to convey a modest but prevailing and significant dimension of Solovyov’s thought to the readers of Portuguese-language philosophical literature.

Keywords: Auguste Comte; Citizenship; Humanity; Religion; Rights; Society; Vladimir Solovyov.

¹ Membro do Secretariado do Instituto de Estudos Filosóficos, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. ORCID: 0000-0003-1944-654X; Ciência Vitae: 761A-88F4-6066. Correio eletrónico: martinsjunqueira2@gmail.com.

Vladímir Solovióv e a Ideia de Humanidade²

Mais que um filósofo, Vladímir Solovióv foi um publicista, um escritor público que concentrou sobre si mesmo a tarefa de tratar, a partir de uma perspectiva englobante, as mais diversas dimensões da vida e problemas da humanidade na sua integralidade. Para além de poeta e tradutor, escreveu sobre a natureza, o amor, o conhecimento, tal como matérias sociais e políticas. Membro ativo na sociedade, o filósofo russo comentou publicamente as tramas da política da sua época, produziu crítica literária, e ocupou-se exaustivamente de assuntos religiosos. As suas atividades são indissociáveis da sua fé, pelo que lhe assenta que nem uma luva o título de pensador religioso, tal como o de ativista dos direitos humanos, o que, no caso de Vladímir Solovióv, é o mesmo que dizer pensador cristão engajado. No que diz respeito ao seu ativismo, podemos nutrir a memória dos seus esforços no sentido de uma unificação dos cristianismos, tal como em prol da abolição da pena de morte. É possível que em pleno século XXI, com o estabelecimento do poder do fundamentalismo islâmico como uma força de relevo no nervo da política internacional, o prodígio de um derradeiro impulso no sentido de uma maior abertura e aproximação entre ortodoxos e católicos se proporcione. A luta contra a pena de morte, e contra o assassinato de um modo geral, apesar do relativo sucesso, está longe de ter terminado.

No âmbito de uma possível reconciliação entre as Igrejas cristãs, a obra de Solovióv constitui um contributo fundamental e pioneiro. O seu legado, contudo, é imenso e variado. Os mais de dez volumes de

2 É devido agradecer a Oleg Radkevich e a Vladímir Pliassov, pelas longas horas que passaram, pacientemente, a ensinar-me muito do pouco que conheço da língua russa. O mesmo é devido a Mário Santiago de Carvalho e a Luiz Alberto Thomé Speltz Filho, pelos valiosos comentários que fizeram ao presente trabalho.

obras compiladas de Vladimir Soloviov, mais os quatro de correspondência, não deixam entrever que Soloviov faleceu com 47 anos de idade. Nascido em 1853 — terceiro dos cerca de dez anos em que o ensino da filosofia, tida como inútil e nociva, esteve proibido nas academias russas³ —, o pensador moscovita cresceu no seio de uma família que tinha um pé na academia, e outro na paróquia. O seu pai, Serguêi Soloviov, foi um historiador e professor universitário cujo labor monumental é amplamente reconhecido, especialmente por conta dos vinte e nove volumes, dedicados a narrar a história da Rússia, que publicou entre 1851 e 1879. O seu avô paterno, Mikhaíl Soloviov, foi padre, e terá marcado profundamente o pensamento do seu neto. Durante a juventude, Vladimir passou por uma crise aguda de ateísmo, quero dizer, desentendimento com Deus, e chegou mesmo a atirar os seus ícones pela janela fora. O jovem Soloviov desviou, então, a sua atenção para a filosofia, centrando-se no estudo de grandes vultos do pensamento europeu, como Arthur Schopenhauer e Bento de Espinosa, mas avançou rapidamente para a elaboração da sua própria sistematização filosófica, que apesar de apresentar um caráter crítico bastante acentuado, com o intuito de englobar e ultrapassar todas as outras doutrinas, pretendia fazê-lo sem excluí-las, ou negá-las como um todo. O filósofo russo procurou guiar-se, em tudo quanto fez, por um espírito inclusivista ou compatibilista. Como escreveu o padre Alexander Men, em 1989, apenas um ano antes de ser brutalmente assassinado com um machado,

“No que quer que se concentrasse, fosse o socialismo ou o pensamento revolucionário, a história dos Velhos

3 Cf. N. O. Lossky, *History of Russian Philosophy* (London: George Allen and Unwin, 1951), 171.

Crentes^[4] ou o destino da Rússia, ele [Solovióv] encontrava sempre algo de valioso, entendendo que nada de completamente infrutífero e inútil existe no mundo. O seu pensamento sustentou a marca de um sinal que ele próprio chamou de “Unitotalidade”^[5]. Este termo carrega muitos significados; aqui, contudo, pode denotar a habilidade magnífica que Solovióv tinha para construir e sintetizar. Sim, ele frequentemente levantou polémicas, e muitas vezes publicou artigos (e até livros inteiros) contra os seus opositores ideológicos. Contudo, ele não deu como morto nenhum dos oponentes derrotados. Ele sempre adotou, destes, algo que considerava valioso, de tal modo que as suas sínteses intelectuais eram construídas muito rapidamente^[6].

4 Na segunda metade do século XVII, no contexto da Igreja Ortodoxa do Oriente, especialmente da Igreja Ortodoxa Russa, deu-se o *raskól* (*раскол*), uma cisão entre a Igreja oficial e os Velhos Crentes ou *Raskólniki* (*Раскольники*). Estes últimos opuseram-se às reformas levadas a cabo pelo Patriarca Nikon, entre 1652 e 1667, as quais consideraram ser obras do Anticristo.

5 A opção de verter “All-Unity” por “Unitotalidade” é uma de entre pelo menos duas. O sustento desta hipótese pode até ser frágil, mas procura inspirar-se no pensamento de João Cabral. Seria igualmente correto optar por “Integralidade”. Cabral disse haver, no contexto do pensamento de Solovióv, “a unidade estéril da pura negação da pluralidade”, por um lado, e “a unidade positiva que não exclui mas domina a pluralidade”, por outro. Esta última unidade positiva, de acordo com Cabral, “é a *integralidade ou unitotalidade*, atributo de tudo o que é absoluto no seu género”. Itálico nosso. João Cabral, «O Conceito de <<Integralidade>> na Filosofia de Vladimiro Soloviev», *Revista Portuguesa de Filosofia* X, n. 1 (1954): 17–18.

6 “Whatever he focused on, be it socialism or revolutionary thought, the history of Old Belief or the destiny of Russia, he always found something valuable in it, understanding that there is nothing in the world that is completely fruitless and useless. His thinking bore the stamp of a sign which he himself called “All-Unity”. This term has many meanings, but here it can denote Solovyov’s magnificent ability

Vladimir Soloviov foi um sujeito muito especial. Na infância, teve a sua primeira visão mística: testemunhou a presença de uma figura feminina, que viria a identificar como sendo a alma do mundo. Essa primeira experiência deu-se na Universidade de Moscovo. Outras se seguiram, tanto no Museu Britânico, como no Cairo. Esta última experiência mística teve um tremendo impacto sobre a vida de Soloviov. Enquanto se encontrava no Egito, o filósofo lançou-se numa caminhada pelo deserto, durante a qual acabou por adormecer no meio do chão. Ao acordar, o filósofo russo experimentou uma realidade absolutamente diferente daquela na qual se situava quando havia adormecido. Então, era como se tivesse acedido a uma dimensão divina, que se esconde ou simplesmente subjaz ao reino das aparências. Isso levou-o a considerar que tudo o quanto percebemos não é mais que uma sombra daquilo que verdadeiramente é, mesmo que os nossos sentidos não logrem chegar tão longe e tão perto ao mesmo tempo. Perante tais experiências de cariz místico, sobressai o significado que Soloviov atribuiu à fé, entendida enquanto poder: o mesmo poder que torna a revelação possível. O pensador tornou-se num asceta, sem deixar de ser verdade que ficou conhecida a sua tendência, não para a bebedeira, mas para o vinho⁷. Vladimir Soloviov foi um sujeito augusto no sentido franciscano da palavra, isto é, alguém que dava tudo quanto tinha, que se encontrava, na pobreza, com a loucura da cruz; alguém que, como disse Leonardo Coimbra

to construct and synthesize. Yes, he frequently polemicized, and he often published articles and even whole books against his ideological opponents. But no defeated opponent remained as if dead for him. He always borrowed from the latter something that he found valuable. Thereby, his intellectual syntheses were constructed very quickly". Alexander Men, «"The Life and Thought of Vladimir Sergeevich Solovyov" (1989) by Fr. Alexander Men'», em *The Burning Bush: Writings on Jews and Judaism*, por Vladimir Sergeevich Solovyov, ed. & trad. por Gregory Yuri Glazov (Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2016), 37.
7 Cf. Men, 41.

acerca de Francisco de Assis, “não é do *tamanho comum*, nem sequer dentro do cristianismo”⁸.

Em 1881, quando o Tsar Alexandre II, pai de Alexandre III, foi assassinado, Solovióv, então professor universitário de filosofia, proferiu uma comunicação pública a colocar em xeque o caráter cristão do próprio Tsar, Alexandre III. O filósofo proclamou a incompatibilidade entre ser fiel a Cristo e decretar a pena de morte, mesmo aos bombistas regicidas. É como dizer: um mal não justifica o outro. O pensador russo, então, propôs clemência. Tal foi, no fundo, a mensagem que Solovióv transmitiu ao público, tal como ao Tsar e aos círculos oficiais, que não ficaram nada satisfeitos com a sua ousadia⁹. Depois disto, o filósofo viveu por mais dezanove anos, a saltar de porta em porta e de terra em terra, e a aceitar a esmola de alguns dos seus muitos amigos. Ele abandonou o seu posto de professor e viveu como viveu *porque assim o quis*, e dedicou-se, surpreendentemente — quero dizer, apesar das condições difíceis — à produção de uma imensa obra. Em 1898, dois anos antes da sua morte, Vladímír Solovióv voltou a proferir uma comunicação pública, desta feita na Universidade de São Petersburgo, na qual, entre outras coisas, apresentou a sua insistência, ao criticar a pena de morte ou qualquer forma de assassinato, desta feita para acusar um determinado e mutilado tipo de humanismo — estabelecido na sequência da Revolução Francesa do ano de 1789 e seguintes — por abrir a porta para que os direitos incondicionais da humanidade viessem a ser violados. Em 1900, a viver da caridade, morreu, destruído por

8 Leonardo Coimbra, «S. Francisco de Assis (Visão Franciscana da Vida)», em *Obras Completas VI (1924-1934)*, ed. Ângelo Alves, Coleção Pensamento Português (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010), 205.

9 Cf. Jonathan Sutton, *The Religious Philosophy of Vladimir Solovyov: Towards a Reassessment* (New York: Palgrave Macmillan, 1988), 23..

violentos jejuns e pelo consumo de aguarrás. Tinha 47 anos de idade. Inacabado, ficou o projeto de presentear a literatura russa com Platão.

A Ideia de Humanidade

Para o estabelecimento do significado ideal e do magnetismo da Revolução Francesa de finais do século XVIII, de acordo com Solovióv, basta apenas, de um ponto de vista histórico-filosófico, o reconhecimento do valor da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* (1789). O filósofo russo acreditou que os direitos humanos, sem exceção, já se encontravam contidos na possibilidade, assegurada pelos evangelhos, de todos os indivíduos devirem filhos de Deus. Nesse sentido, os direitos humanos não constituíram, definitivamente, uma novidade. Aquilo que, sob uma perspectiva histórica, se impôs como uma inovação, segundo sustentou o filósofo moscovita, foi o ato de declarar — quer diante da Reforma Protestante, que terá levado os cristãos ao olvido do caráter inviolável dos direitos humanos, quer diante das heranças antiga e medieval — a naturalidade dos direitos humanos. A Reforma, em particular, haverá despojado cristãos, mesmo sob perseguição brutal, de quaisquer fundamentos para censurar os seus verdugos. De acordo com Vladímir Solovióv,

“Os reformadores franceses, ao sofrerem por conta das dragonadas de Luís XIV^[10], não puderam formar oposição sustentada em princípios, uma vez que, no que diz respeito àquele que, em si mesmo, é o mais

10 As dragonadas foram condenações ao exílio e brutais execuções que, durante o reinado de Luís XIV, foram levadas a cabo sobre protestantes franceses que recusaram converter-se ao catolicismo.

elementar dos direitos humanos, seja, a liberdade de crença religiosa, esse rei, sendo mais poderoso e, contudo, menos categórico, estava em perfeita sintonia com o legislador do seu credo, Calvino, que queimou, à primeira oportunidade e sem peso na consciência, um homem inocente e honrado^[11], por este discordar com ele relativamente ao dogma da Trindade”¹².

A Revolução Francesa, de acordo com Solovióv, apresenta dois rostos radicalmente distintos. Por um lado, representa uma novidade e é de suma importância, por conta da proclamação dos direitos humanos. Por outro, a Revolução é indissociável das violações sistemáticas e abusos cometidos pelas autoridades revolucionárias. Vladímír Solovióv sublinhou que, profundamente enraizada na *Declaração* de

11 O filósofo refere-se à morte na fogueira, em 1553, do teólogo espanhol Miguel Servet.

12 (*Original*): “Французские реформаторы, страдавшие от драгонад Людовика XIV, не имели для своего противодействия никакой принципиальной опоры, так как относительно самого основного из человеческих прав — свободы религиозных убеждений — этот король был лишь единомышленник, более могущественный и, однако, менее решительный, их собственного вероучителя и законодателя Кальвина, который при первой возможности со спокойной совестью сжег невинного и заслуженного человека за разногласие с ним в догмате Троицы”. В. С. Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Опуст Конт», acessado 31 de Outubro de 2019, <http://comte.newgod.su/research/idea-chelovechestva-u-avgusta-konta>. T. L. I. (*tradução em língua inglesa*): “The French Protestants who suffered from the dragonnades of Louis XIV could not protest against them on the ground of principle, for so far as the most essential of human rights was concerned, the freedom of religious convictions, that king was of one mind with their own teacher and law-giver Calvin, though more powerful and less resolute than the latter. Calvin at the first opportunity calmly burnt at the stake an innocent and distinguished man for disagreeing with him about the Trinitarian dogma”. Vladimir Sergeevich Solovyov, «The Idea of Humanity», em *A Solovyov Anthology*, ed. S. L. Frank, trad. Natalie Duddington (London - Beccles: SCM Press, 1950), 51.

1789, referida não apenas aos direitos humanos, mas também de cidadania, estaria a duplicidade espelhada no rosto revolucionário da França. O leitor poderá perguntar: faz assim tanta diferença falar de “direitos humanos” ou de “direitos humanos e de cidadania”? De acordo com o filósofo russo, faz uma diferença tremenda, pois, por muito que a adição da palavra “cidadão” possa até dar um certo ar de inocência e legitimidade à *Declaração*, ou um certo aspecto de razoabilidade, tal mais não é que definir a humanidade de um modo parcial. Solovióv sublinhou ser verdade que a realização dos direitos civis é necessária para que o mesmo suceda com os direitos humanos. De facto, os direitos humanos englobam e ultrapassam os civis, pelo que a realização daqueles nunca será completa sem a realização destes. Contudo, lembrou o pensador, definir a humanidade pela cidadania não representa um ato menos parcial que o de definir um indivíduo enquanto membro de uma determinada família, escola, partido político, igreja, etc. Vladímir Solovióv reconheceu o valor das definições parciais, mas acusou-as de serem insuficientes quanto à finalidade de sustentarem a atribuição de direitos inalienáveis. O filósofo russo abraçou a ideia de que a noção de direitos humanos foi por demais significativa, porquanto indicou algo de incondicional, e apontou para traços de um sujeito de direitos inalienáveis. Contudo, declarou o pensador, “a nefanda trifulhice de acrescentar “e do cidadão” — o que levou a que aquilo que é diverso fosse confundido, e o condicional fosse situado no mesmo plano daquilo que é incondicional — deitou tudo a perder”¹³.

13 “(...) зловредная кляуза «и гражданина», смешивая разнородное и ставя на одну доску условное с безусловным, портила все дело”. Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конт». *T. L. L.*: “(...) the pernicious terms ‘civil’ and ‘citizen’, confusing the categories and putting the conditional on the same

Solovióv declarou que, por muito que este ou aquele indivíduo possa ser considerado selvagem, louco, ou mesmo criminoso, faz falta uma consciência insana — tal que dirija um pensamento que desrespeite a razão — para declarar que um qualquer indivíduo não se trata de um membro da humanidade. Por outro lado, lembrou o filósofo, não é um atentado à dignidade de alguém, nem à da lógica, declarar que esse alguém não é ou deixará de ser um cidadão. O pensador moscovita distinguiu entre direitos condicionais e direitos incondicionais ou inalienáveis. De acordo com Solovióv, não há qualquer inconformidade inerente ao ato de retirada de direitos condicionais, como os de cidadania, pois a dignidade a que tais direitos se referem é meramente accidental. Diferentemente, a retirada ou violação de direitos incondicionais, i.e., direitos que apontam a propriedades intrínsecas, essencialmente inalienáveis, como a de ser membro da humanidade, é tão incongruente quanto inadmissível. Não há outra forma, argumentou o filósofo russo, de levar a cabo uma objeção incondicional contra imposições arbitrárias de limites a direitos, tal como de estabelecer a sua inviolabilidade, senão esta: assentar os direitos, desde um princípio, numa propriedade essencialmente inalienável — i.e., que não esteja condicionada, seja pela pertença étnica, confissão, situação económica, ou demais traços accidentais dos indivíduos —, como a de pertencer à humanidade. O argumento de Solovióv reveste-se de simplicidade (em sentido apreciativo): conquanto os direitos humanos sirvam de princípio determinante de todos os direitos, não será possível justificar quaisquer violações ou cortes.

level with the unconditional, spoiled the whole thing”. Solovyov, «The Idea of Humanity», 52.

Quem não pertence à humanidade? Ninguém, de acordo com Solovióv, pode declarar que alguém não lhe pertence. Os direitos humanos assistem a todos e a todas, sem exceção, i.e., sem que importe se a pessoa é judia ou muçulmana, neoliberal ou maoísta, adepta de um ou de outro desporto, cidadã deste ou daquele Estada-nação, machista, fascista, ou assassina. Equiparar a cidadania à humanidade, quero dizer, dar-lhes igual relevo, no entender de Vladimir Solovióv, constitui um erro crasso, tendo em conta que não se trata senão de desbravar caminho para desrespeitar não-cidadãos — ou, para ser mais preciso, trata-se de deixar a porta aberta para que seja restringida a amplitude da dignidade humana, tal como limitada a abrangência dos direitos humanos a determinadas pessoas. Uma vez escavado este buraco, no entender do fatíloquo mestre russo do mais significativo filósofo português da primeira metade do século XX, Leonardo Coimbra¹⁴, haverá permissão para que os direitos que assistem a toda a humanidade abranjam, apenas, cidadãos, sob pretexto de tratarem-se de direitos civis. Não é verdade, contudo, que os direitos civis podem assumir um caráter de universalidade? Segundo pensou Vladimir Solovióv, sim, conquanto a cidadania fique subordinada à humanidade. Caso contrário, isto é, se à cidadania for concedida uma autonomia que a erga às alturas da humanidade, será o próprio caráter universal, não só dos direitos civis, mas de quaisquer direitos, que ficará comprometido. O exemplo francês é paradigmático. Como disse o publicista russo,

14 Há, em Portugal, filosofia que segue na esteira da filosofia feita na Rússia. O fatíloquo pensador moscovita, Vladimir Solovióv, ocupa um lugar de relevo neste domínio, e Leonardo Coimbra, se acaso não inaugura a receção deste último em terras lusas, desempenha, pelo menos, um papel de destaque, como já foi sugerido em Robert Junqueira, «Leonardo Coimbra e Vladimir Solovyov: relações inesperadas entre as filosofias em Portugal e na Rússia», *Texto Aberto IEF*, n. 5 (2019): 1–31, <https://doi.org/10.5281/zenodo.3475575>.

“À própria revolução pertence, de facto, o mérito da extensão dos direitos a amplos grupos de pessoas que anteriormente se encontravam parcial ou totalmente desprovidas dos mesmos no contexto francês: aos servos, aos protestantes e aos judeus. Contudo, tendo recusado a afirmação pristina do fazer libertário naquela que é a sua base incondicional (a dignidade humana como tal), e acrescentando a isso a noção condicional e ambígua de “bom cidadão”, a revolução abriu a porta a todas as espécies de selvajaria no futuro. Sim; e no ponto alto do período revolucionário, todas aquelas numerosas vítimas humanas, multidões afogadas, assassinadas, guilhotinadas, sofreram, claro está, não porque deixaram de ser pessoas, mas porque foram reconhecidas enquanto cidadãos incómodos, maus patriotas, “traidores” (entre nós, temos exemplos semelhantes, como as incontáveis vítimas de Ivan IV)”¹⁵.

15 “Самой революции принадлежит фактически заслуга распространения гражданских прав на обширные группы людей, наполовину или вовсе их лишенные в прежней Франции, — на помещичьих крестьян, на протестантов и евреев. Но, отказавшись от чистой и ясной постановки освободительного дела на его безусловном основании (достоинство человека как такого) и примешав к этому условное и неопределенное понятие «добрый гражданин», революция открывала тем двери для всевозможных дикостей на будущее время. Да и в самую революционную эпоху все эти множества человеческих жертв, массы утопленных, зарезанных, гильотинированных, пострадали, конечно, не потому, что перестали быть людьми, а потому, что были признаны дурными гражданами, плохими патриотами, «изменниками» (как и у нас, например, бесчисленные жертвы Ивана IV)”. Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конт». *T. L. I.*: “The French Revolution has the merit of extending civic rights to large groups of people who had been half

A igual importância atribuída aos princípios de humanidade e de cidadania, no entender do filósofo, levou a que o segundo, por ser mais concreto e palpável, anulasse o primeiro. O aspecto central desta tese, que diz respeito à anulação do princípio de humanidade pelo de cidadania no decurso e no prolongamento da Revolução Francesa, parece ser tão atual quanto irrefutável. A execução de traidores, levada a cabo pelos revolucionários franceses, os maus tratos aos que não são cidadãos, como reportado desde a fronteira do México com os Estados Unidos da América, no século XXI, e todos os abusos que foram e vão sendo cometidos contra a humanidade ao longo dos tempos e por este mundo fora, permitem discernir com precisão que a incondicionalidade dos direitos humanos não foi, tal como não é, universalmente respeitada. A incondicionalidade dos direitos humanos abrange o diabo em pessoa¹⁶, quero dizer, o mais vil dos indivíduos não deixa de ser um membro da humanidade. Deste facto seguem-se muitas consequências, como a de não existir qualquer fundamento para a pena capital. Porque se adicionou, então, o termo “cidadão” ao título da *Declaração* de 1789? Terá sido efetuado algum

or altogether deprived of them in pre-revolutionary France — to the serfs, to the Protestants and the Jews. But by giving up the pure and clear principle of building the work of liberation on its unconditional ground (the dignity of the human being as such) and by adding to it the conditional and indefinite conception of ‘a good citizen’, the revolution opened the door to all kinds of savagery in the future. And indeed during the revolutionary period itself all those multitudes of human victims, drowned, massacred and guillotined, suffered not, of course, because they ceased to be human beings, but because they were declared to be bad citizens, bad patriots, ‘traitors’”. Solovyov, «The Idea of Humanity», 52–53. Na tradução inglesa, várias secções da comunicação de Solovióv são subtraídas; neste particular, é omitida a referência ao exemplo russo, i.e., às vítimas de *Ivan Groznyj* (Иван Грозный), Ivan Terrível.

16 “O diabo em pessoa” é uma expressão frequentemente empregue em Portugal. Dizer que alguém é “o diabo em pessoa” é manifestar uma opinião muito negativa sobre a visada, transmitindo a ideia de que a pessoa é extremamente incómoda ou até mesmo cruel.

tipo de cálculo cínico ou malicioso por parte de girondinos e/ ou jacobinos¹⁷, no intuito de antecipar futuros abusos e violações? Pretendia-se, desde logo, garantir a possibilidade de justificar a retirada de direitos a determinados indivíduos? Ter-se-á, porventura, tratado de um erro meramente accidental, no qual acabou por assentar a selvajaria do terror revolucionário francês? Na esteira de Solovióv, é difícil acreditar que a equiparação da cidadania à humanidade se tenha devido, quer à accidentalidade de um erro, quer a uma perversa premeditação, pelo que a questão deve ser colocada noutros termos: qual é o significado intrínseco, quero dizer, de que modo será possível justificar, em profundidade, o emparelhamento dos princípios de humanidade e de cidadania? Há, disse o filósofo, uma justificação para isso, que assenta no sentimento natural de que o indivíduo, tomado enquanto tal, é insuficiente para portar, de facto e incondicionalmente, direitos humanos. Por outras palavras, a cidadania foi erguida ao nível da humanidade por conta de um sentimento que se impõe contra a ideia de que o indivíduo, por si só, pode exercer os direitos humanos. Tal sentimento, de acordo com Solovióv, é natural; contudo, ele considerou errónea a forma como os revolucionários franceses o compreenderam e aplicaram. Como disse o pensador moscovita,

“Os melhores dentre os ocasionadores do grande golpe^[18] entenderam, ou no mínimo sentiram, a

17 Referência aos grupos, jacobinos e girondinos, que disputavam/ partilhavam o poder na Assembleia Nacional Constituinte Francesa.

18 Natalie Duddington traduziu “velikogo perevorota” (великого переворота) por “the great revolution”. Aqui, verteu-se para “o grande golpe”. Assim foi, pois, Solovióv não recorreu, aqui, à expressão “velikuju revoljucii” (великую революцию), que significa, *ipsis litteris*, “a grande revolução”. “Perevorot” (Переворот) é um sinónimo de “revoljucija” (революция) — este é um argumento possível contra a opção de tradução aqui tomada. Contudo, tal

infinidade interior e a licitude auto-imposta (autonomia)^[19] do indivíduo humano, mas também entenderam, ou sentiram, que, por si só, esse valor infinito é uma mera possibilidade, e que, para convertê-la em realidade, algo outro deve ser conferido ao indivíduo humano — algo que seja, desde logo e na prática, excelso e mais poderoso que ele mesmo. O que é, então, esta realidade suprema que dá real plenitude à vida do indivíduo?”²⁰.

sinonímia deve ser entendida no sentido de “proximidade” ou “parecença”. E.g., “Popytka voennogo perevorota v Turcii” (Попытка военного переворота в Турции) significa “tentativa de golpe militar na Turquia”, enquanto que “popytka voennogo revoljucii v Turcii” (попытка военного революции в Турции) significa “tentativa de revolução militar na Turquia”.

19 Soloviov fala em “vnutrennju beskonecnost' i samozakonnost' (avtonomiju)” (внутреннюю бесконечность и самозаконность (автономию)), i.e., “infinidade interior e licitude auto-imposta (autonomia)”. Ao contrário de Natalie Duddington, não optamos pela redução; Duddington escreveu, apenas, “inner infinitude and autonomy” (infinidade interior e autonomia). Contudo, Philip Grier consentiria com a opção de tradução de Duddington, como deixou claro ao dizer que “licitude auto-imposta” (self-imposed lawfulness) pode verter-se para “autonomia” (autonomy). Grier disse, também, ser possível optar por “liberdade” (freedom). Cf. I. A. Il'in, *The Philosophy of Hegel as a Doctrine of the Concreteness of God and Humanity. Volume Two: The Doctrine of Humanity*, ed. & trad. por Philip T. Grier (Northwestern University Press, 2011), 20. Neste sentido, de modo semelhante a Duddington, evitou-se a repetição, a saber: “infinidade interior e autonomia (autonomia)”. Um problema da redução, que é partilhado pela repetição, é que o sentido que o texto original de Soloviov carrega é perdido; a saber, o de definir a “autonomia” enquanto “licitude auto-imposta”, ou melhor, “автономию” enquanto “самозаконность”.

20 “Лучшие из начинателей великого переворота понимали, или по крайней мере чувствовали, внутреннюю бесконечность и самозаконность (автономию) индивидуального человека, но они также понимали, или чувствовали, что само по себе это бесконечное значение есть только возможность и что для переведения ее в действительность единичному человеку должно быть придано что-то другое — уже на деле высшее и более могучее, чем он сам. Что же это за реально-высшее, дающее действительную

No encaço da idade clássica, apontou-se, *inter alia*, para o Estado. A antiguidade foi idealizada, de acordo com Solovióv, ao longo de vários séculos de reação mental contra a medievalidade teocrática, mas os intelectuais modernos foram-lhe um tanto ou quanto inficéis, ao introduzirem a prioridade do povo ou da nação relativamente à cidade. A posição de valor mais elevado na configuração da realidade patriótica era, então, estendida para lá das muralhas da urbe. Pessoa representativa da primeira manifestação poderosa do nacional-patriotismo, disse o filósofo russo, foi Joana D’Arc. Essa manifestação, em pleno século XV, ter-se-á dado ainda em bases de algum modo religiosas, e o seu processo de secularização, ao longo dos séculos seguintes, apenas haverá atingido uma realização plena, ou seja, uma forma secular — ou, até, afirmou o filósofo russo, pagã — quando da Revolução Francesa. O indivíduo passava, então, a realizar-se plenamente na qualidade única e exclusiva de cidadão do seu Estado-nação e filho, já não ou não apenas de Deus, mas da sua pátria. Eis o paradigma que emergia. A chave para suprir a insuficiência do indivíduo, tomado enquanto mero indivíduo, para ser portador de direitos humanos, passava a encontrar-se na cidadania. Essa chave, de acordo com Solovióv, não abria uma porta pela qual pudessem passar, na sua incondicionalidade, os direitos humanos, pelo que a solução moderna para o problema da insuficiência do

полноту жизни отдельному лицу?». Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конт». Т. L. I.: “The best people responsible for the great revolution understood, or at any rate felt, the inner infinitude and autonomy of the individual human being, but they also understood, or felt, that in itself man’s infinite significance is merely a *possibility*, and that to make it actual the individual must have something added to him — something actually higher and more powerful than himself. What, then, is this fuller reality bestowing actual fulness of life on the individual?”. Solovyov, «The Idea of Humanity», 53.

indivíduo, enquanto indivíduo, para o exercício de direitos humanos deveria considerar-se sumamente insatisfatória.

O filósofo russo reconheceu que uma longa tradição de pensadores não aceitou o paradigma da cidadania (especialmente entre os filósofos cristãos). Entre os heréticos, Vladimir Solovióv reconheceu o mérito de Augusto Comte, por este ter sido um dos primeiros a apresentar uma crítica ao referido paradigma, que disse ser tão elegante pela sua clareza quanto ilusório pela sua inverdade íntima. Solovióv não via nada de especialmente glorioso ou louvável no ato de recusa, por parte de um crente, da substituição de Deus pela pátria. O que levou o pensador moscovita a saudar tão efusivamente o pensamento de Comte foi o facto deste não acreditar que o indivíduo se bastava a si mesmo (nem em Deus) e mesmo assim não ter interrompido as suas buscas — buscas por uma solução para o quebra-cabeças de repôr o significado pleno da pessoa humana, quero dizer, suprir a insuficiência do indivíduo para ser, por conta própria, portador de direitos humanos — ao deparar-se com a obviedade e a concretude da existência da unidade nacional, i.e., a coletividade. No entender de Solovióv, Comte foi um dos primeiros e únicos pensadores que, sem acreditar em Deus, compreendeu que o valor das realidades nacionais, do ponto de vista da sua atualidade empírica, é algo que, em si mesmo, é condicional, por mais que possam demorar-se imensamente mais sobre a Terra que qualquer indivíduo. O reconhecimento da mais frágil situação temporal do indivíduo, contudo, não levou o filósofo russo a proclamar a dignidade ou o valor da coletividade na hora de suprir a insuficiência individual no que diz respeito à espiritualidade, no sentido de interioridade.

Solovióv promoveu o exemplo de Sócrates e questionou a audiência sobre quem terá logrado alcançar, de um modo mais elevado, “a

verdadeira plenitude da dignidade humana”²¹, se Sócrates, se o Estado Ateniense — apesar do triunfo deste sobre aquele, pelo uso da força. Por mais elevada que fosse a dignidade de Sócrates, é possível, de acordo com o pensador moscovita, que nem mesmo ele, o pai simbólico da atitude filosófica, atingisse a plenitude da dignidade humana na qualidade de indivíduo isolado, pelo que até ele necessitaria de completude e aperfeiçoamento. O que é certo, de acordo com Solovióv, é que aquilo que poderia ter vindo a completar ou a suprir as carências ou as imperfeições de Sócrates, como ficou claro, era algo outro que a coletividade em que estava inserido, uma vez que os seus concidadãos lhe deram a beber cicuta. Algo outro que a coletividade é necessário para que o indivíduo possa ser portador de direitos humanos. Comte, refere Solovióv, teve o engenho de apontar para uma alteridade tal que, na sua profundidade, e não apenas na sua extensão, ultrapassa qualquer indivíduo, completando-o, não apenas exteriormente, mas na sua interioridade, para lá e pra cá de um ponto de vista ideal, i.e., *realmente*. A tal alteridade, enquanto unidade que constitui uma positividade viva, excede a pluralidade, e abraça todos os indivíduos, dá-se o nome de Grande Ser. Falar deste Ser é formular “alteridade absoluta relativa” de outro modo, pois, é “outro” relativamente a todos os indivíduos e também com respeito à coletividade; mas é, acima de tudo, o “outro” contido no absoluto, que Solovióv considerava enquanto um Deus não apenas eterno, mas orgânico.²² Longe de pertencer ao âmbito da abstração, o absoluto de Solovióv é “em relação”, pois, de outro modo, Deus nada seria senão

21 “истинной полноте человеческого достоинства”. Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конт». *T. L. I.*: “the true fulness of human dignity”. Solovyov, «The Idea of Humanity», 54.

22 Ver Paul Valliere, «Solov’ev and Schelling’s Philosophy of Revelation», em *Vladimir Solov’ev: Reconciler and Polemicist*, ed. Wil Van den Bercken, Manon de Courten, e Evert van der Zweerde (Leuven [u.a.]: Peeters, 2000), 125.

uma nulidade, *niente*: só é, verdadeiramente, aquilo que se relaciona, abrindo caminho à constituição da alteridade relativa ao seu próprio ser.²³

O que levou o filósofo russo a promover a memória de Augusto Comte, no que diz respeito à novidade e ao significado da ideia de humanidade que este tinha em mente, é que tal ideia não se esgota, quer na mera soma ou agregado dos indivíduos, quer na esterilidade de uma generalização abstrata/ conceptual. Da mesma maneira que o universal é irreduzível aos particulares — como, de acordo com Fernando Gil, haverá reconhecido Aristóteles, no final dos *Segundos Analíticos*²⁴ —, a geometria é irreduzível aos pontos e a humanidade aos indivíduos. Na mente de Comte a humanidade era/ é um ser real e vivo; e, aditou o pensador russo, aquele ainda teve a coragem de ir mais longe, quero dizer, a ousadia de afirmar que um indivíduo isolado é uma mera abstração e que não existe, tal como não pode existir. “E, é claro”, disse Soloviov, “a razão fica do lado de Comte. (...) O todo antecede as suas partes, que o pressupõem. Esta grande verdade, óbvia na geometria, mantém todo o seu vigor na sociologia. A este respeito, a conformidade é total”²⁵.

23 Para mais sobre este assunto, ver Brandon Gallaher, «The Christological Focus of Vladimir Solov'ev's Sophiology», *Modern Theology* 25, n. 4 (2009): 620, <https://doi.org/10.1111/j.1468-0025.2009.01557.x>.

24 Cf. Fernando Gil, «Colóquio com André Barata», em *Acentos* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005), 21.

25 “И конечно, Конт прав. (...) Целое первое своих частей и предполагается ими. Эта великая истина, очевидная в геометрии, сохраняет всю свою силу и в социологии. Соответствие здесь полное”. Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конт». Т. I. I.: “*The whole is prior to its parts and is presupposed by them*. This great truth, obvious in geometry, retains its full force in sociology as well”. Solovoyov, «The Idea of Humanity», 54–55.

Vladímir Solovióv considerou não ser possível negar a realidade das partes que compõem o todo, mas que a mesma realidade não pode senão dar-se por via da conexão daquelas com este, uma vez que, tomada separadamente, nenhuma parte é real, ou melhor, não é mais que uma mera abstração. As partes são reais, portanto, na medida em que estão conectadas ao todo. Sem esgotar, por aqui, o jogo de analogias entre a geometria e a sociologia, Solovióv apontou para o indivíduo como o componente sociológico mínimo, equiparável ao ponto geométrico. O filósofo russo reconheceu, no indivíduo, a parte mínima do subsistema da dialética científica que se ocupa da sociedade, e avançou ainda que um indivíduo pode assumir um maior significado que nações inteiras, famílias, povos ou raças, tal como um ponto pode assumir maior importância que qualquer outro ponto ou as linhas de um corpo, como disse ser o caso do centro com respeito à esfera. Trata-se, é certo, de reconhecer que o valor dos elementos da sociedade é ou pode ser díspar. O próprio modo como os indivíduos agem no seio da relação com “o que lhes é superior” é diverso. Se as assimetrias entre os indivíduos não se verificassem, estes pura e simplesmente nada seriam. Até mesmo Deus que, como a humanidade, está em relação com os indivíduos, deixaria de estar, ficando diminuído ou mutilado, o que constitui uma falta de sentido a toda a prova. No entender de Solovióv, de acordo com João Cabral, a disparidade é um factor determinante a ser tido em conta, e não necessariamente sob uma perspectiva depreciativa, uma vez que, entre “seres que se aproximam”, são as assimetrias que fundamentam, por exemplo, a piedade. Há, contudo, disse ainda Cabral, algo no pensamento de Vladímir Solovióv que aponta para uma dimensão relativamente à qual nenhum indivíduo constitui exceção, a saber, a da “relação fundamental” que todos os indivíduos mantêm com o que

lhes é superior²⁶. Em pleno acordo, tomando novamente Sócrates para exemplo, o filósofo russo disse que a pessoa daquele ultrapassou, de um modo incalculável, toda a sua linha familiar, tal como o Estado Ateniense em bloco, sem por isso ser verdade que Sócrates pudesse ter existido, de facto, independentemente do seu contexto familiar e social. Já este último, disse Soloviov, “não poderia existir por si só, fora da vida da humanidade”²⁷.

Na esteira do pensador moscovita, é permitido declarar que os povos, as famílias e os indivíduos não criam, mas pressupõem a humanidade. O pensador russo afirmou que os elementos da vida humana, tanto os individuais, quanto os coletivos, se vão aproximando progressivamente ao longo dos tempos. De acordo com Soloviov, esse processo de unificação não apenas está, ainda, por realizar, como os elementos que aproxima não constituem o âmago da humanidade, conquanto seja verdadeiro aquilo que pode até não parecer sê-lo, a saber, que as partes pressupõem e estão subordinadas ao todo. Pensar contra a realidade da humanidade, disse o pensador russo, é sofismar, mutilar a humanidade, e responder de maneira retrógrada ao problema da realização individual. Fosse o indivíduo independente da humanidade, isto é, fosse esta afastada da busca por dirimir a insuficiência dos indivíduos para serem portadores de direitos humanos, notou Vladimir Soloviov, o pensamento cairia num individualismo desmesurado, centrado exclusivamente no indivíduo, e perderia a possibilidade de atingir a sua meta. Como disse Cabral,

26 Cabral, «O Conceito de <<Integralidade>> na Filosofia de Vladimiro Soloviev», 12.

27 “(...) не могло бы существовать само по себе вне жизни человечества”. Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конт». Т. L. I.: “(...) could not exist by itself apart from the life of humanity”. Solovyov, «The Idea of Humanity», 55.

aquilo que o filósofo russo sentia com relação a “todos os exclusivismos mutiladores” era nem mais nem menos que “horror”²⁸. O exclusivismo individualista é disparatado. A aceitação da existência de uma perspectiva exclusivamente individual, disse Solovióv, atribui caráter autodestrutivo aos pensamentos que assim pretendam sustentar-se, ou melhor, é algo que nem sequer pode ser pensado de forma consistente, tanto mais que a linguagem que expressa esse pensar manifesta, desde um princípio, o seu absurdo, pois, o caráter da própria linguagem transcende o indivíduo enquanto tal.

Todos os seres que, em liberdade, cooperam no sentido de tornar a ordem mundial mais perfeita, estão contidos, de acordo com o pensador moscovita, no seio da própria humanidade, não como uma mera adição, mas como uma unidade viva. A humanidade de que fala Solovióv é o Grande Ser que encontrou em Comte, que não é passível de observação, e é sem préstimo para os matemáticos, que não lhe podem aplicar os seus cálculos. A humanidade é no singular, e sem ela seria impensável a existência da pluralidade. A humanidade é esse primeiro número, que antecede e que sustenta o número de todos os indivíduos. A humanidade é-aí, mas também é-ali, é-além e é-acolá, pelo que não se alcança, nem com o telescópio, nem com o microscópio, nem a olho nu: o melhor a fazer é mesmo fechar os olhos. Comte tinha razão, disse o filósofo russo, ao qualificar o Grande Ser ou a humanidade como um objeto de fé, mas de uma fé que envolve, como num abraço largo, o conjunto dos conhecimentos científicos. Tal fé, a de Comte, trata-se, de acordo com Solovióv, não de uma fé teológica, mas de uma fé que se apoia em factos e na experiência, uma convicção que une as dimensões da objetividade e

28 Cabral, «O Conceito de <<Integralidade>> na Filosofia de Vladimiro Soloviev», 4.

da subjetividade, e consiste no amor à humanidade, a mãe comum de todos os indivíduos. Augusto Comte, disse o filósofo moscovita, reconheceu a humanidade como um facto positivo, que sintetiza o conhecimento sistemático de todas as noções científicas. Na perspectiva de Soloviov, tal síntese não diminui a dialética das ciências, mas eleva-a à qualidade de realidade viva e plena, i.e., ergue-a à altura da própria humanidade, limite comteano do que é possível discernir, e a cuja ordem se resume a ordem mundial.

Vladimir Soloviov seguiu os passos de Comte, ao sustentar a existência supereminente da humanidade, enquanto realidade indivisível que atua, no âmbito da experiência, no sentido de garantir o progresso, ou melhor, de aperfeiçoar a ordem mundial em regime de continuidade. Neste sentido, a religião positiva encontra, na humanidade, a sua Providência, o que permite ver com bons olhos tudo quanto ocorre, como por exemplo a queda deste ou daquele sistema político. Neste sentido, a história caminha para a perfeição. É por isso evidente, de acordo com o que o próprio fundador da religião positiva escreveu em 1822, que as pessoas que não sabem antecipar senão a anarquia (em sentido depreciativo), enquanto resultado da decadência de um ou de outro regime, estão como que cegas, e sustentam uma opinião pessimista. Tal opinião, de acordo com Comte, por mais implausível que possa parecer, “apresenta-se naturalmente”, quando das crises, “àqueles espíritos que de boa fé procuram remédio”; e por mais que tais espíritos entendam ser imperioso reorganizar a sociedade “em toda a sua possível extensão”, não conseguem assumir uma atitude otimista, porque “nunca estudaram a marcha geral da civilização humana”, limitando-se a encarar “o estado das coisas no presente”, tal como a vê-lo, única e exclusivamente, “pelo lado que lhes é oferecido”, o que os impede de

perceber “a tendência da sociedade para o estabelecimento de um sistema novo, mais consistente e mais perfeito que o antigo”²⁹.

O Grande Ser de Comte, disse Solovióv, para além de absolutamente real, poderoso e sábio, é feminino. A feminidade do Grande Ser ou humanidade, de acordo com o filósofo russo, não deve entender-se nem no sentido de uma personificação daquilo que, na qualidade de ideia, é tido como sendo impessoal, nem no sentido de uma metáfora, como era o caso nas mitologias clássicas, em que o feminino nada mais era que a forma representativa de determinadas cristalizações, quer do pensamento moral, quer das atividades científicas e artísticas. Tal Ser feminino, disse o pensador moscovita, era, para Comte, muito mais que uma ideia abstracta, pois, representava o princípio essencial, atual e vivo da unidade positiva de todos os elementos da realidade social, pelo que, por mais que apresente, do ponto de vista da sua distribuição, um certo carácter coletivo, existe por conta própria. Apesar de não se tratar de um conceito, mas de um ser com realidade plena, e apesar de não se tratar de uma pessoa, no sentido empírico, mas de um ser superpessoal, o Grande Ser não deve entender-se, de acordo com Vladímir Solovióv, como sendo Deus, Jesus Cristo, os anjos ou os santos, esse Ser é

“(…) a própria humanidade, verdadeira, pura e completa, a forma suprema que tudo compreende, a alma viva da natureza e do universo, eternamente vinculada e a vincular-se, em processo temporal, a Deus, tal como a vincular a Este tudo aquilo que é. Indubitavelmente, é nisto que reside o significado

29 Augusto Comte, *Reorganizar a Sociedade*, trad. Álvaro Ribeiro (Lisboa: Guimarães Editores, 1993), 31.

pleno do Grande Ser, que foi sentido e percebido, pela metade, por Comte³⁰.

No que diz respeito a um entendimento da humanidade enquanto um ser que devém absoluto pela via do progresso universal, Vladimir Soloviov apresentou-se em perfeito acordo com Augusto Comte. As reservas do primeiro com relação ao segundo prendem-se com a incapacidade deste para ver que, sem o pressuposto de um absoluto que é eternamente, não é possível conceber um absoluto que devém, que se realiza no tempo. A humanidade, absoluto relativo ou em potência, é um sistema vivo de relações no tempo, e não poderia sê-lo sem estar em relação com o absoluto que é eternamente, quero dizer, com Deus. Sem ter em conta tal relação primeira ou originária, a vida do sistema de relações que é a humanidade não poderia ser sustentada, do mesmo modo que “uma corrente de pérolas” não pode ser “suspensa da sombra de um prego”³¹. “Nem sequer é preciso”, argumentou Soloviov, “levantar a questão filosófica da natureza relativa do tempo para vislumbrar que a passagem [do relativo] para

30 "(...) само истинное, чистое и полное человечество, высшая и всеобъемлющая форма и живая душа природы и вселенной, вечно соединенная и во временном процессе соединяющаяся с Божеством и соединяющаяся с Ним все, что есть. Несомненно, что в этом полный смысл Великого Существа, наполовину почувствованный и сознанный Контом (...)". Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конта». *T. L. I.*: "(...) the true, pure and perfect humanity, the highest and all-embracing form and the living soul of nature and of the Universe, united to God from all eternity and in the temporal process attaining union with Him and uniting to Him all that is. There is no doubt that this is the real meaning of the Great Being, partly felt and understood by Comte (...)". Solovyov, «The Idea of Humanity», 58.

31 Leonardo Coimbra, «A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre», em *Obras Completas Vol. VII (1935)*, ed. Ângelo Alves, Coleção Pensamento Português (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012), 25.

o absoluto só pode dar-se através da assimilação daquilo que é essencial e eternamente absoluto”³².

Conclusão

Solovióv considerou a humanidade, esse Grande Ser essencialmente feminino, como o circuito da união entre as naturezas material e divina, i.e., enquanto natureza universal, a forma mais elevada através da qual e no seio da qual tudo quanto existe devém absoluto. A humanidade de que falou o filósofo russo é a natureza do mundo, absoluto em potência, porquanto é receptividade com relação ao divino. A natureza material, de acordo com Solovióv, é combinada com a divina — a natureza recebe Deus — e a humanidade não é senão a forma cósmica dessa combinação, quero dizer, a receptividade com relação ao absoluto por parte da natureza. Por isso, concluiu o filósofo moscovita, a humanidade deve ser tida como divina, sob o risco de nos encontrarmos perante uma autêntica falta de sentido, como a de uma forma sem conteúdo. A humanidade ou o Grande Ser, de acordo com o pensador russo, representa a própria plenitude,

“(…) não é uma forma vazia, mas a completude humano-deífica, espiritual e corpórea, que tudo compreende, a vida divina-criadora que o cristianismo nos revelou. Comte tinha, apenas, uma noção parcial,

32 “Не нужно даже поднимать философского вопроса об относительной природе времени, чтобы видеть, что становиться абсолютным можно только чрез усвоение того, что по существу и вечно есть абсолютно”. Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конт», 58. *T. L. I.*: “There is no need to raise the philosophical problem of the relativity of time in order to see that one can only become absolute through assimilating that which eternally and essentially is absolute”. Solovyov, «The Idea of Humanity», 58.

pensada e expressa de forma inacabada, do verdadeiro Grande Ser, mas ele acreditou na sua completude sem dizê-lo e dela testemunhou involuntariamente. E quantos foram e são os cristãos fiéis que não souberam ou sabem (ou não quiseram ou querem saber) sobre esta essência mesma do cristianismo, relativamente à qual Comte — o “sem-Deus” e “sem-Cristo”^[33] —, apesar de compreendê-la pela metade, se afeiçoou com todo o coração!”³⁴.

Se bem que Solovióv proclamou que negar a Deus e a Cristo é pecar, nada indica que tenha considerado que constitua um pecado imperdoável. Tal trata-se, porventura, de uma mera excentricidade do domínio da opinião. O que realmente importa, no entender do pensador moscovita, pode até estar perfeitamente assegurado, conquanto o coração da pessoa dê abrigo ao divino, como faz quando

33 “Bezbožnik i nexrist” (Безбожник и нехрист) pode traduzir-se, alternativamente, por “ateu e infiel”.

34 “(...) не есть пустая форма, а всеобъемлющая богочеловеческая полнота духовно–телесной, божественно–творной жизни, открывшейся нам в христианстве. Конт имел лишь половинное, недодуманное и недоговоренное понятие об истинном Великом Существо, но он безотчетно верил в его полноту и невольно свидетельствовал о ней. А сколько было и есть верующих христиан, не знавших и не знающих, не хотевших и не хотящих знать об этой самой сущности христианства, к которой с половинным пониманием, но целым сердцем привязался безбожник и нехрист Конт!”. Соловьев, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конт». *T. L. I*: “(...) is not an empty form but an all-embracing divinely-human fulness of the spiritual and material, divine and created life, revealed to us in Christianity. Comte’s conception of the true Great being was incomplete and not fully thought out or expressed, but he implicitly believed in its completeness and bore witness to it in spite of himself. But how many believing Christians, both past and present, have never known, or wanted to know, this very essence of Christianity which, though only half understood by him, inspired whole hearted devotion in the godless infidel — Comte!”. Solovyov, «The Idea of Humanity», 59.

está em conformidade com as disposições práticas da fé cristã, i.e., *deeds* estão, de um certo modo, *before creed*. De um ponto de vista religioso, de acordo com Oliveira e Biserra, é frequente considerar-se o coração enquanto símbolo da habitação da transcendência nas pessoas³⁵. Conforme a mística cristã ortodoxa russa — uma “Mística do Coração” —, “para além da noção de emotividade e afetividade”, o coração é “o local onde todas as dimensões da pessoa humana se encontram”³⁶. O filósofo russo considerou que Comte, “como todos os inimigos teóricos do cristianismo”³⁷, foi um pecador, mas que terá chegado mais próximo das verdades últimas do cristianismo do que muitos fiéis de profissão. A definição comteana da configuração e das qualidades do Grande Ser, de acordo com Solovióv, aproxima o fundador da religião positiva (mais do que muitos crentes) de uma verdade derradeira e significativamente esquecida do cristianismo: nada é mais digno que os mortos, ou, pelo menos, notou Solovióv, que alguns mortos. Estes mortos participam intimamente do Grande Ser, e primam — apesar de serem dotados de menor eficácia — sobre os vivos, quer porque servem de exemplo para estes, quer porque os lideram em segredo. Tais seres medulares e póstumos, de acordo com Solovióv, animam a interioridade do Grande Ser, que atua na e sobre a história, em visível marcha progressiva. A cura das insuficiências ou

35 Cf. Victor Hugo Pereira de Oliveira e Wiliam Alves Biserra, «Homo Cordis Absconditus: A Mística do Coração nos Relatos de um Peregrino Russo», *Teoliterária* 8, n. 16 (2018): 93, <https://doi.org/10.19143/2236-9937.2018v8n16p89-115>.

36 Pereira de Oliveira e Biserra, 112.

37 “как и всех теоретических врагов христианства”. СОЛОВЬЕВ, «Идея человечества у Августа Конта - Огюст Конт». O texto traduzido por Natalie Duddington, intitulado “The Idea of Humanity”, conclui com a citação apresentada na nota 31 deste artigo (penúltimo parágrafo da secção X do original). O texto aqui citado pertence ao parágrafo imediatamente posterior. Cf. Solovyov, «The Idea of Humanity».

a realização da humanidade, seja no que diz respeito aos vivos, ou no que diz respeito aos mortos, não poderá consistir, disse o filósofo russo, senão na perfeita comunicação e harmonia entre uns e outros. Como perguntou Vladimir Soloviov,

“(…) em que pode, então, consistir o significado último da ordem mundial e a consumação universal da história, senão na realização deste todo da humanidade, senão na sua real cura através da conjugação patente dessas duas parcelas que o compõem?”³⁸.

Soloviov, como Comte, está entre aquelas e aqueles que já partiram, e agora lideram e servem de exemplo para os vivos, desde as profundezas do Grande Outro que é a Humanidade. Resta-nos, aos vivos, estar à altura.

Referências

Cabral, João. «O Conceito de <<Integralidade>> na Filosofia de Vladimiro Soloviev». *Revista Portuguesa de Filosofia* X, n. 1 (1954): 3–23.

Coimbra, Leonardo. «A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre». Em *Obras Completas Vol. VII (1935)*, editado por Ângelo Alves, 25–388. Coleção Pensamento Português. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

———. «S. Francisco de Assis (Visão Franciscana da Vida)». Em *Obras Completas VI (1924-1934)*, editado por Ângelo Alves, 193–245. Coleção

38 “(…) в чем же может состоять окончательный смысл мирового порядка и завершение всеобщей истории, как не в осуществлении этой целостности человечества, как не в действительном его исцелении чрез явное соединение этих двух разлученных его долей?”. Соловьев, «Идея человечества у Августина Контра - Огюста Конт».

- Pensamento Português. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010.
- Comte, Augusto. *Reorganizar a Sociedade*. Traduzido por Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.
- Gallaher, Brandon. «The Christological Focus of Vladimir Solov'ev's Sophiology». *Modern Theology* 25, n. 4 (2009): 617–46. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0025.2009.01557.x>.
- Gil, Fernando. «Colóquio com André Barata». Em *Acentos*, 13–55. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- Il'in, I. A. *The Philosophy of Hegel as a Doctrine of the Concreteness of God and Humanity. Volume Two: The Doctrine of Humanity*. Editado & traduzido por Philip T. Grier. Northwestern University Press, 2011.
- Junqueira, Robert. «Leonardo Coimbra e Vladimir Solovyov: relações inesperadas entre as filosofias em Portugal e na Rússia». *Texto Aberto IEF*, n. 5 (2019): 1–31. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3475575>.
- Lossky, N. O. *History of Russian Philosophy*. London: George Allen and Unwin, 1951.
- Men, Alexander. «"The Life and Thought of Vladimir Sergeevich Solovyov" (1989) by Fr. Alexander Men'». Em *The Burning Bush: Writings on Jews and Judaism*, por Vladimir Sergeyevich Solovyov, 35–51. editado & traduzido por Gregory Yuri Glazov. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2016.
- Pereira de Oliveira, Victor Hugo, e Wiliam Alves Biserra. «Homo Cordis Absconditus: A Mística do Coração nos Relatos de um Peregrino Russo». *Teoliterária* 8, n. 16 (2018): 90–115. <https://doi.org/10.19143/2236-9937.2018v8n16p89-115>.
- Solovyov, Vladimir Sergeyevich. «The Idea of Humanity». Em *A Solovyov Anthology*, editado por S. L. Frank, traduzido por Natalie Duddington, 51–59. London - Beccles: SCM Press, 1950.

Sutton, Jonathan. *The Religious Philosophy of Vladimir Solovyov: Towards a Reassessment*. New York: Palgrave Macmillan, 1988.

СОЛОВЬЕВ, В. С. «Идея человечества у Августа Конта - ОГИОСТ КОНТ».
Acedido 31 de Outubro de 2019.
<http://comte.newgod.su/research/idea-chelovechestva-u-avgusta-konta>.

Valliere, Paul. «Solov'ëv and Schelling's Philosophy of Revelation». Em *Vladimir Solov'ëv: Reconciler and Polemicist*, editado por Wil Van den Bercken, Manon de Courten, e Evert van der Zweerde, 119–29. Leuven [u.a.]: Peeters, 2000.

